

**DIALÓGICA, HERMENÊUTICA E ESTÉTICA DO CONFLITO**  
**Conflito, Mediação, e Facilitação da resolução de conflitos**  
**em Psicologia e Psicoterapia Fenomenológico Existencial.**

**Gestalt.**  
**Abordagem Rogeriana.**

Afonso H Lisboa da Fonseca, *psicólogo.*

**Introdução;**

**1.**

**Aporia, Instalação, Fatalidade e Fatalismo do Conflito;**

- 1.1. Realidade do conflito e de sua instalação ôntica;
- 1.2. O conflito e sua aporia;
- 1.3. Facticidade e fatalismo do conflito;

**2.**

**A mediação e a facilitação da superação, e da resolução, como experiência estética do conflito -- à ventura dos devires de suas possibilidades. O Grupo Vivenciativo.**

- 2.1. A Experiência estética, experiência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica, do conflito;
- 2.2. Dialógica do conflito;
- 2.3. *Compreensão*. O modo de sermos da experiência estética, da dialógica, da aporética, e da da interpretação, hermenêutica fenomenológico existencial;
- 2.4. Sobre o caráter *implicativo* da experiência estética, da dialógica, da aporética, da compreensão e da hermenêutica do conflito.
- 2.5. Aporética. Aporia e aporética do conflito;
- 2.6. Hermenêutica do conflito;
- 2.7. O Grupo Vivencial como recurso experimental ontológico, fenomenológico existencial dialógico e hermenêutico para a mediação e facilitação da resolução de conflitos;
- 2.8. O Grupo e o tempo;

**3.**

**O conflito, suas formas improdutivas, e as formas improdutivas da mediação;**

- 3.1. Moralismo e conflito. Teorética e cientificidade;
  - 3.1.1. O olhar de espectador do teórico e a ação do ator do conflito;
  - 3.1.2. Conflito e explicação;

- 3.1.3. Cientificidade e conflito;
- 3.2. O caráter comportamentativo do conflito;
- 3.3. E o caráter desportativo da superação do conflito;
- 3.4. Pragmática, resolução e superação do conflito. O processo de vivência da superação do conflito não é prática, não é pragmática;
- 3.5. Realismo, ontológica, conflito, e superação;
- 3.6. Das formas improdutivas da mediação.

## **Conclusão**

## **Introdução;**

A metodologia da mediação e da facilitação da resolução de conflitos da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial -- Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana -- se fundamenta, em seus princípios de concepção e método, na própria facilitação da dinâmica existencial do conflito, privilegiando o modo ontológico de sua vivência fenomenológico existencial, dialógico, e estética.

Esta metodologia busca propiciar condições relacionais de espaço, e de tempo, condições empáticas, condições de experimentação e interpretação, fenomenológico existenciais, para uma relativização da facticidade e fatalismo do conflito, para uma relativização da realidade ôntica da instalação das aporias do conflito - - instalação do conflito no não dialógico, no não ontológico, no não hermenêutico.

A metodologia propõe às partes conflitantes a experiência da vivência integrada da *presença* (modo fenomenológico existencial dialógico de sermos) e da atualidade (*atualização*) fenomenológico existenciais dialógicas do conflito. De modo que a vivência desta presença e atualidade, em sua inerente potência criativa -- a partir da vivência do modo de sermos de sua potência atual, da potência de suas possibilidades --, possa atuar na natural facilitação da atualização, da superação, e resolução do conflito. Diluindo a instalação de sua realidade ôntica no fluxo de suas possibilidades. Possibilidades estas que intrinsecamente impregnam o modo vivencial de sermos, ontológico, fenomenológico existencial, e dialógico.

O grupo vivencial, constituído pelos facilitadores e pelas partes conflitantes -- e que pode ser apoiado pela forma da entrevista diádica --, é, assim, o instrumento, por excelência, para a mediação, e para a facilitação da resolução de conflitos da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial -- Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana.

# 1.

## **Aporia, Instalação, Factidade e Fatalismo do Conflito;**

### **1.1. O conflito e suas aporias;**

A afligência do conflito decorre, naturalmente, de sua estase, da paralisia de sua instalação na *realidade* de sua formação *ôntica*. A afligência do conflito decorre da parada que ele configura nos fluxos existenciais pessoais, interpessoais, grupais ou inter grupais.

O dinamismo destes fluxos existenciais como tais caracterizam a existência. São potencializados pela vivência de possibilidades, e pelo desdobramento destas, no modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos.

A existência pessoal, a existência grupal, e inter grupal, fluem, assim, constantemente, a partir da vivência das potências de possibilidades; transitando pelo desdobramento e atualização dessas possibilidades. Em direção, sempre, à *realização* e à *coisificação*. O momento de sua vivência, e da vivência de seu desdobramento, atualização, não obstante, não são da ordem da realidade e da coisidade. O seu momento próprio e específico configura o **presente** -- o modo de sermos de pré-coisa, o modo de sermos da *presença*, e da atualidade, modo de sermos estético, fenomenológico existencial e dialógico.

O conflito não foge a esta dinâmica. E flui, enquanto as possibilidades potencializam e alimentam os dinamismos de seu devir. Paralisando-se progressivamente, à medida que vão se exaurindo as suas possibilidades, e ele vai se instituindo, e se instaurando, no âmbito do modo *ôntico* de sermos.

A progressiva experientiação da realização do conflito, a suaprogressiva instalação *ôntica*, a sua progressiva coisificação, tem sempre um caráter cada vez mais conflitual, progressivamente conflitual, não produtivo, não criativo, e estéril.

A progressiva estase da coisificação, como Heidegger e Buber indicaram, é progressivamente angustiante. Esta angústia da estase e da paralização remete, mais uma vez, para ao modo fenomenológico existencial de sermos, para o modo de sermos do possível, da possibilidade, e de sua atualização.

Nas suas formas produtivas, o conflito é sempre, também, o conflito de diferentes possibilidades, na concorrência que as leva a afirmarem-se em suas forças. Em sua vivência, o conflito também move as relações, e tem, assim, o caráter produtivo de promover a novidade, de promover o possível, e a atualização de sua potência.

Um nível de conflito, e da sua angústia de sua aflição, na coisificação, é sempre inevitável, assim. E diretamente proporcional a sua vivência ativa e presente, nos fluxos e contra fluxos de suas inércias e da atualização de suas possibilidades.

Não obstante, o conflito pode, também, se tornar progressivamente improdutivo. Angustiante, e improdutivo. Na medida em que estaciona em certos limites, e paralisa a dinâmica de possibilitação, e de atualização de possibilidades da pessoa, da relação -- interpessoal, grupal, ou intergrupal.

Esta estagnação, esta paralisia, que constitui o conflito em sua improdutividade -- *intrapessoal*, interpessoal, grupal, intergrupal – potencializa-se naturalmente na medida em que a realização, e coisificação progressivas -- consolidando a sua inércia, a sua coisificação, a sua estase, a sua paralisia -- constituem o direcionamento natural e inevitável do desdobramento das possibilidades. Com a concomitante aflição, afligência, da angústia que as acompanha.

Nesta forma, o conflito chega a suas **aporias**.

Em termos existenciais, a **aporia** é o **sem passagem**, é a estagnação, o **sem devir**, **sem potência**, **sem possibilidade**, dos fluxos, ou ausência de fluxos, existenciais.

O termo *aporia*—usado originalmente em Literatura -- vem de **poro**. Que tem o sentido de *passagem*, de *passagem de fluxo*. *Poro*, *poria*.

A **a-poria** é o **sem passagem**. O limite, a finitude. O *sem passagem*, a aporia, da realização da possibilidade, e da paralisia nesta realização, da paralisia na coisificação e na coisidade. Com a exclusão momentânea da concorrência de novos possíveis. Mas a aporia é, também, o ponto onde as potências, os possíveis se detonam, mais uma vez. **O método aporético, a-por-ético, a a-por-ética**, se pauta pela vivência afirmativa da aporia, pela vivência afirmativa da sua estagnação; e pela vivência afirmativa da emergência da potência de novos possíveis, de novas possibilidades. A potência desta emergência é diretamente proporcional ao modo como podemos vivenciar afirmativamente a impotência conflituosa, aflitiva, afligente e angustiante, da aporia

Assim, a afligência da aporia se configura, no plano existencial – pessoal, interpessoal, intergrupal --, e se cronifica, como conflito.

O conflito se *instala*, se estabelece e se fortalece, enquanto tal, à medida em que se paralisam os fluxos de atualização de suas

possibilidades, no modo ôntico da existência pessoal, grupal, ou intergrupal; o conflito se fortalece e se instala na medida em que se paralisa, ao nível do modo ôntico de estagnação, e instalação, de suas aporias.

É, assim, na angústia de suas afligências, que se dá o reforçamento deste modo ôntico da experiência do conflito -- a prevalência da experiência de sua téorética explicativa, a prevalência de sua comportamentalidade, a prevalência de suas pragmáticas, em suas aflições, nas estases de suas aporias: potencializados pela excludência de sua vivência no modo de sermos de sua *poiese*; potencializados pela exclusão de sua vivência estética, que é a vivência no modo dialógico, ontológico, hermenêutico, ativo, atualizativo, de possibilidades, e de possibilitações.

A progressão da realização, da coisificação, do conflito -- e do relacionamento intrapessoal, interpessoal, ou inter grupal, só conduz, naturalmente, à acentuação do conflito. Na medida em que estas se dão na ausência da vivência do possível, na ausência da vivência de possibilidade; na ausência da ação, e da atualização, pessoal e coletiva, que é a vivência da possibilidade e do seu desdobramento, própria ao modo ontológico, fenomenológico existencial, de sermos.

O conflito é, desta forma, um momento adensado da multiplicidade de fluxos e perspectivas existenciais.

Momento que naturalmente se resolve na vivência fenomenológico existencial e dialógica da aporia, e de sua superação pontual, na abertura do concurso e da concorrência das possibilidades, que são próprias ao modo ontológico, fenomenológico existencial de sermos.

De modo que, para além da vivência angustiante da estagnação e da aporia do conflito, está sempre a *poiese*, a *vivência poética*. Está sempre a vivência do concurso e da concorrência de novas potências, de novas possibilidades. Cujos desdobramentos reencetam o fluxo existencial, a atualização, a ação, a criação. A desinstalação, e a superação do conflito.

### **1.2. Realização e realidade do conflito e de sua instalação ôntica;**

Podemos dizer que o conflito aparece fenomenologicamente em sua potência, ou seja, vivencialmente, na vivência de suas possibilidades. A vivência do conflito neste seu momento é a vivência da interação de forças, da limitação de forças; e a vivência das aporias são momentos dos fluxos de atualização de possibilidades.

Esta vivência da potência do conflito faz com que o seu fluxo seja o próprio fluxo da atualização. E, no que pese a momentaneidade de

suas aporias, o conflito assim vivenciado é a vivência dos fluxos de suas interações, de suas possibilidades, e atualizações. Que, naturalmente, podem levar à superação de suas aporias, à superação do conflito, à sua resolução, na criação da atualização de novas possibilidades.

Alternativamente, o vivencial, o fenomenológico existencial dialógico pode se direcionar no sentido da sua coisificação, da sua realização, da sua instalação ôntica.

Nesta alternativa -- quando o conflito não se resolve no âmbito da experiência do modo ontológico, fenomenológico existencial dialógico, de sua emergência -- ele perde, progressivamente, a sua dinâmica experiencial e experimental, a suas forças de possibilidade, a sua fluidez. E avança no sentido da coisificação, da realização, e da *instalação* de sua experiência ôntica.

Desenvolve-se, então, a instalação do conflito, a realização do conflito, no âmbito de sua experiência ôntica. O que significa a realização, a coisificação, a instalação de suas aporias. A realização, a coisificação, a instalação do conflito. Desprovido, então, do influxo de possibilidades e de possibilitação, próprias à vivência do modo ontológico de sermos, o conflito tende a se instalar, a se coisificar, a se realizar, numa paralisia progressiva.

Tanto ao nível pessoal, quanto ao nível grupal, e inter grupal, quanto mais perdura a interdição à vivência dialógica ontológica, fenomenológico existencial, mais tende a se radicalizar, a se sectarizar, o conflito entre as partes. O conflito, privado da incisão da emergência, e da prevalência, da vivência do possível, da vivência da possibilidade e do seu desdobramento, da vivência da ação, da atualização, da criação, realiza-se. O que quer dizer: coisifica-se, instala-se, e se cronifica.

Até que novos acontecimentos, ou a angústia de sua aflição gerem e regenerem um retorno ao modo ontológico de vivência de suas possibilidades.

De modo que é só a incidência da momentaneidade do modo de sermos da vivência dialógica, ontológica, fenomenológico existencial, estética, que permite o deslocamento, a cisão, a infusão da potência de possibilidades, a infusão de devir, na instalação conflituosa. Criando novas condições, e novas condições de possibilidade, permeabilizando as suas aporias, e permitindo a passagem de seus fluxos existenciais e o fluxo de suas atualizações -- quer seja ao nível do pessoal, do inter pessoal, do grupal, ou do intergrupalo.

### **1.3. Facticidade, e fatalismo, do conflito;**

Na exacerbação da experiência de instalação real de seu modo ôntico, o conflito se *instala* em sua condição de **fato**; e não mais como **acontecer**; o conflito se instala em sua condição de **acontecido**, em sua **facticidade**.

O efetivamente *existencial*, o efetivamente ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, estético, é, inteiramente, *acontecer*.

Porque é inteiramente *ação, atualização*, como desdobramento das possibilidades, de que é propriamente impregnado.

Ou seja, é o antípoda do *fato*, do *factual*, do *acontecido*.

O não existencial, o modo ôntico de sermos é -- enquanto *fato*, enquanto *realidade*, enquanto *coisidade* -- possibilidade atualizada, exaurida, realizada, coisificada, *acontecida*, feita, *fato*.

De forma que, o modo existencial, ontológico, de sermos é *acontecer*; enquanto que o modo ôntico de sermos é *acontecido*, é *fato*.

A *realidade* do conflito, a sua *instalação* -- em sua *aporia* -- o seu enrijecimento, é *instalação* e *realidade* ônticas. À medida que se desenvolve, e se fataliza, o conflito é cada vez mais da ordem da *realidade*, da ordem do *fato*, do *factual*. De modo que este seu fortalecimento é cada vez mais *factual*, cada vez mais *fatal*.

E, cada vez mais, a exclusão da oportunidade da experiência e experimentação, pelas partes, do conflito em sua modalidade alternativa -- ou seja, a experiência e experimentação do conflito no seu modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico, no seu modo estético -- a exclusão desta oportunidade, potencializa a paralisia do conflito em sua *realidade*, *instalação* e *aporia*.

De um modo tal que permite a constituição, e potencializa a constituição, de uma *dogmática* -- segundo Buber, a *dogmática do decurso das coisas* --, segundo a qual só esta modalidade da *realidade*, da *instalação*, da *fatalidade* e do *fatalismo* do conflito é *factível*.

O conflito, que é *factual*, neste seu momento, é constituído, e passa a sê-lo cada vez mais, como *fatalidade*, como *fatalismo*.

Buber<sup>1</sup> esclarece a ontologia da *fatalidade*, e do *dogma da fatalidade*, o *dogma do decurso das coisas*, como *predomínio da realidade*, como *predomínio excludente do modo eu-isso de sermos*, não dialógico, como *predomínio do decurso das coisas*.

Muito propriamente, Buber adverte, que, **a única coisa que pode vir a ser fatal ao homem é crer na fatalidade...**

---

<sup>1</sup> BUBER, M. EU E TU

Porque -- esclarece ele --, basta a momentaneidade da vivência da imersão, sempre disponível, no modo alternativo de sermos, em nosso modo ontológico de sermos -- dialógico, fenomenológico existencial, estético, *eu-tu* --, para que a rigidez do factual, a rigidez do fatal; para que a rigidez da fatalidade, para que o *dogma do decurso* - - que a fatalidade potencializa, e que à fatalidade potencializa -- possam dissolver-se no movimento da ação, no movimento atualizativo da potência de suas possibilidades.

A elaboração da vivência do modo ontológico de sermos, como modo de sermos da vivência do desdobramento de possibilidades, dissolve, assim, a realidade, a instalação ôntica, o caráter factual, a fatalidade, o fatalismo do conflito.

Diante do conflito instalado, em sua realidade ôntica, factual, resta-nos, assim, a alternativa: sucumbir progressivamente à aflição da factualidade, da fatalidade do conflito; ou permitir e promover a experiência e a experimentação de sua vivência dialógica; a experiência e experimentação de sua ontológica, a experiência e a experimentação da interpretação de sua hermenêutica, a vivência da conflituação no modo fenomenológico existencial, estético e dialógico de sua vivência.

É no privilegiamento desta experiência e experimentação que se centra a concepção e a metodológica do Grupo Vivencial. A concepção e a metodológica da Abordagem Fenomenológico Existencial de psicologia e psicoterapia; da Gestal' terapia, e da Abordagem Rogeriana.

## **2.**

### **A mediação e a facilitação da superação, e da resolução, como experiência estética do conflito -- à ventura dos devires de suas possibilidades. O Grupo Vivencial.**

O Grupo Vivencial constituído com a equipe de facilitação, ou com o facilitador, e as partes conflitantes é a oportunidade psicossocial de tempo e espaço, vivenciais, que a concepção e a metodologia das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais – Gestal' terapia, Abordagem Rogeriana – oferecem como metodológica para a mediação e para a facilitação da resolução de conflitos.

Trata-se de promover, de propor e de propiciar às partes em conflito o tempo e o espaço, a disposição e a disponibilidade, para o natural processamento imediato da experiência e da experimentação na vivência conflitiva. Ou seja, a experiência do conflito em sua forma vivencial, estética, fenomenológico existencial dialógica.

O Grupo Vivencial naturalmente demanda as suas condições, ou seja, tempo e espaço, disposição e disponibilidade para a sua experiência e experimentação.

## **2.1 A Experiência estética, experiência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica, do conflito;**

Como vimos, a experiência do conflito, como todo o existencial, oscila entre as as formas ônticas e ontológicas de sua experiênciação. Ou seja, a experiência do conflito oscila entre o modo de ser *eu-isso*, e o modo *eu-tu* de sua experiênciação; entre o modo de sermos em que ele, o conflito, é *acontecido*, e o modo de sermos, estésico, estético, em que ele é *ação*, *atualização*, *acontecer*: o modo fenomenológico existencial de sermos: experiência e experimentação imediatas da estesia, da sensibilidade, da vivência, do corpo e dos sentidos.

Em sua forma ôntica, *eu isso* -- a dimensão do *acontecido* --, a experiência do conflito, privada do influxo de possibilidades e de possibilitações, privada de *ação*, de *atualização* -- o que quer dizer, privada de *superação* e de *resolução* --, *se instala*; interrompendo os seus fluxos, realizando-se; coisificando-se, cada vez mais, e constituindo-se, como tal, enquanto *acontecido*; enquanto *factualidade*.

Nessa dimensão, meramente, cada vez mais cristalizada, cada vez mais aflitiva, conflituosa, as potências do conflito se investem meramente na sua aflição.

É interessante e importante observar que, para os sectários das partes em conflito, para os que própria e especificamente ganham com o próprio conflito, esta é a alternativa de predileção. Ou seja, manter a experiência do conflito paralisada na forma ôntica de sua experiênciação, na experiência da forma de sua instalação, de sua realidade realizada, de sua *factualidade*, de sua fatalidade.

Os que se dispõem a elaborar a *superação* e a *resolução* do conflito carecem sempre de lidar com os sectários, que investem na *cronificação* e na *perpetuação* do conflito.

A qualquer momento, não obstante, pode-se criar a oportunidade para que o conflito seja vivenciado alternativamente pelas partes conflitantes ao modo ontológico de sermos, no modo *eu-tu* de sua experiência e experimentação, ao modo dialógico de sermos.

E -- a partir da *interpretação* (fenomenológico existencial, compreensiva, dialógica), a partir da *dramática* ampla e livre, da *realidade*, da *factualidade*, e da *instalação*, do conflito, pelas próprias partes conflitantes em interação, a partir da *interpretação* de sua experiência do conflito como *acontecido* -- o conflito pode, então, ser vivenciado e interpretado -- fenomenológico existencialmente, esteticamente, hermeneuticamente, experimentalmente,

dialogicamente, *dramaticamente*--, na imediaticidade de sua forma própria e específica de *acontecer*.

Como vivência, pessoal/coletiva, que disponibiliza, enquanto experiência, e experimentação, fenomenológico existenciais, o campo vivencial das possibilidades, e das possibilitações. Campo estético, portanto, dramático, fenomenológico existencial, e dialógico -- vivência, e vivência do desdobramento de suas possibilidades. Vivência que, própria e eminentemente, se dá como ação, como atualização. De Possibilidades que, simultaneamente, são possibilidades próprias e específicas do grupo, no processamento conjunto de sua experiência coletiva, da experiência coletiva de seus subgrupos, e de seus participantes individuais.

Numa experiência e experimentação, assim, que são, em importantes de suas dimensões -- na integridade e integração do grupo, na integridade participativa do processamento vivencial --, experiência e experimentação, não simplesmente das partes segregadas, mas experiência e experimentação, interpretação: *dramática*, do grupo e da vivência de seu processamento experimental, em seu conjunto.

Esta experiência e experimentação fenomenológico existenciais e dialógicas do conflito são, assim, a experiência e a experimentação do conflito no privilegiamento do modo de sermos de sua vivência estética.

Ou seja, no modo de sermos da vivência de sua **estesia**. Como abertura à experiência pré-reflexiva, pré-comportamental, pré-pragmática, fenomenológico existencial dialógica, na qual prevalece a experiência vivencial, a experiência de corpo, de sentidos; a experiência *estésica*, estética.

Própria e especificamente, a *Estética* é uma *Ética* (O termo, aliás, já o diz).

A ética que subjaz à concepção e à metodológica da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial; a ética que subjaz à concepção e metodológica da Gestal'terapia e da Abordagem Rogeriana enquanto tais.

De modo que, quando propomos o grupo vivencial como metodológica de mediação e de facilitação da resolução de conflitos, propomos, às partes conflitantes, um deslocamento do modo da experiência do conflito meramente na forma ôntica de sua realidade e instalação, um deslocamento da experiência do conflito meramente na forma ôntica de sua facticidade. Propomos a afirmação do conflito, e a vivência do conflito em sua forma estética, vivencial, e dialógica, que permite a diluição de sua realidade em suas possibilidades, a sua superação, assim, e a movimentação de suas resoluções.

O que caracteriza a experiência estética, fenomenológico existencial, compreensiva, dramática, dialógica, é que, como diz Buber,

toda ela é **ação**, é **atualização**; ou seja, toda ela é impregnada de possibilidades, e do desdobramento de possibilidades.

De modo que a vivência estética do conflito permite relativizar e sair da paralisia afligente da instalação ôntica do conflito, do conflito como realidade, como *isso*, como acontecido. Propiciando e potencializando o modo de sermos no qual vivenciamos a infusão de possibilidades e de possibilitação, e dos seus desdobramentos, em ação, atualização, interpretação. Infundindo, assim, a vivência do conflito de potência, de possibilidades, de atualização, de movimento.

## 2.2 Dialógica, e a dialógica do conflito;

Na alternância da experiencição e experimentação do conflito nos momentos da vivência de seu modo ontológico -- fenomenológico existencial, estético --, a vivência do conflito pontualmente se desdobra no âmbito do modo **dialógico** de sermos, no âmbito da vivência, da experiência e da experimentação, *dialógicas*.

Porque, própria e especificamente, o *vivencial* -- o fenomenológico existencial, o estético, o hermenêutico, o ontológico --, é o *dialógico*.

O *vivencial* é dialógico, o dialógico é *vivencial*.

Individual, e coletivamente, o **dialógico** é o modo eu-tu de sermos, o modo de sermos compreensivo, no qual vivenciamos a ação, o desdobramento compreensivo de possibilidades.

O que caracteriza a *dialogicidade*, o que caracteriza a qualidade *dialógica* deste modo de sermos, é que, de várias formas, e em níveis variados, este é um modo de sermos de vivência imediata e intuitiva. Vivência imediata e intuitiva da movimentação de **implicação inter-ativa** entre um **eu** e a alteridade radical de um **tu**. Vivência esta que, como tal, é pré-reflexiva, pré-comportamental, pré-pragmática.

É o modo de sermos no qual o processo **compreensivo** de produção de sentido -- **logos** --, que já se dá como ação, atualização, é -- como diz o prefixo **dia** -- um processo **compartilhado**. Processo compartilhado, como vivenciação, como **movimentação inter-ativa** -- de produção de sentido, e de atualização de possibilidades, de ação -- **entre eu e tu**.

É, portanto, **dia-logos**, enquanto vivência de **movimentação inter-ativa entre eu- tu**. Eu-e-tu que eminentemente se dão como alteridades radicais; e, enquanto alteridades radicais, de modo intrínsecamente **implicativo**; como possibilidades em desdobramento.

Processamento momentâneo, então, no qual o compartilhar interativo da produção de sentido, de ação, se constitui como **campo**

**compreensivo e compartilhado de desdobramento de possibilidades, e de ação.**

Assim, no **modo dialógico de sermos** -- fenomenológico existencial, vivencial, ontológico, e estético --, o movimento eu-tu/tu-eu, é, própria e especificamente, um movimento de imediata **implicação inter-ativa, e poiética.**

Movimentação na qual há um compartilhamento do processo, *intensional*, eminentemente **compreensivo**, de produção de sentido, e de ação. Um processo **inter-ativo**, eminentemente **implicativo**, que se dá como vivência de **um campo compreensivo compartilhado do desdobramento de possíveis, do desdobramento de potências, do desdobramento de possibilidades, de vontades de possibilidades; no que entendemos como ação -- um campo fenomenológico e existencial, dialógico, estético, e de vivência ontológica.**

O objetivo da concepção e da metodologia da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial – Gestal' terapia, Abordagem Rogeriana – o seu objetivo na vivência da mediação e da facilitação da resolução de conflitos, seja na experiência grupal, ou na experiência da relação diádica, é o de criar a oportunidade, o tempo e o espaço, que se abrem e privilegiam a temporalidade própria da vivência dialógica.

Quando propomos o grupo vivencial como recurso para a mediação e para a facilitação da resolução de conflitos, propomos exatamente porque no grupo vivencial nos abrimos e privilegiamos a vivência do modo dialógico de sermos, a vivência da experiência e da experimentação dialógicas.

No âmbito da experiência dialógica, os participantes, e os seus sub-grupos, podem efetivamente **inter-agir.**

Não, simplesmente, na experientiação sectária, e impotente, da teórica do conflito: com a mera definição e experiência conceitual, abstrata e estática de suas instâncias, por cada uma das partes. Na impotência aflitiva e angustiante da ausência da vivência de possibilidades e de possibilitações.

Nem, simplesmente, no mecanicismo, igualmente impotente, de nosso modo comportamental. Nem na mera esterilidade das pragmáticas.

Os participantes e os seus subgrupos podem **inter-agir**, efetivamente, no processo *poiético* de produção de possibilidades e de sentidos, a partir da dialógica, (eu-tu) da **inter-ação** de suas alteridades. E podem interagir como sistema integrado, o processo grupal, de produção de possibilidades e de atualização.

De modo que o conflito, vivenciado pelas partes conflitantes na momentaneidade da experiência do modo dialógico de sermos, tende

a ter a sua *realidade*, a *estagnação* de sua *instalação*, a sua *factualidade*, a sua fatalidade e fatalismo, transformados, diluídos -- na vivência da emergência compartilhada, dialógica, de suas possibilidades e possibilitações.

O **campo dialógico** constitui-se como, propicia e promove, o compartilhamento entre as partes deste campo da emergência do desdobramento de possibilidades.

A vivência do conflito pode ser, então, atualizada.

O *staus quo* do conflito pode ser diluído em possibilidades, pode ser superado, e o conflito deslocado, movimentado, eventualmente resolvido -- como elaboração da dialógica da integração tensional das partes conflitantes, no âmbito integrativo do processamento da experiência e da experimentação da vivência grupal. A vivência do processo poético de emergência de suas possibilidades e possibilitações, a vivência, pelas partes conflitantes, da experiência da diluição da realidade da instalação factual do conflito -- em suas possibilidades -- a vivência de suas superações, e resoluções, pode ser atualizadas.

Na mediação, e na facilitação da resolução de conflitos, a vivência dialógica pelas partes conflitantes -- no âmbito da experiência de processamento do grupo vivencial --, permite que as partes conflitantes momentaneamente constituam -- alternativamente à normalidade de sua experiência conflitiva -- uma dimensão de vivência compartilhada de experiência e de experimentação. Uma experiência e experimentação de vivência do processo grupal como uma totalidade integrativa, compartilhada e solidária, ainda que tensional. Uma totalidade e totalização dialógicas, inter-ativas, atualizativas.

Neste sentido, o que caracteriza a concepção e a metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais dialógicas - Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana -- é, exatamente, o propiciamento metodológico desta experiência do **campo dialógico**, como vivência grupal. Pelo privilegiamento em sua prática da experiência ontológica, da experiência estética -- fenomenológico existencial dialógica. Seja no âmbito do grupo vivencial, seja no âmbito da forma de relação diádica em que este pode se configurar.

### **2.3. Compreensão.**

**O modo de sermos da experiência estética, da dialógica, da aporética, da interpretação, hermenêutica, fenomenológico existencial;**

A **compreensão** é característica, e, própria e eminentemente, intrínseca, ao modo ontológico de sermos.

A compreensão é experiência estética, a experiência estética é compreensiva. A experiência estética é vivência imediata de corpo e de sentidos, e esta vivência é, própria e eminentemente, compreensiva.

A **compreensão** é intrínseca, portanto, ao modo fenomenológico existencial e dialógico – eu-tu -- de sermos; é intrínseca à experiência e à experimentação fenomenológico existenciais, é intrínseca ao empirismo fenomenológico existencial, é intrínseca à interpretação fenomenológico existencial; e, portanto, é intrínseca à hermenêutica fenomenológico existencial: hermenêutica própria e especificamente *compreensiva*. A compreensão é intrínseca ao modo *ontológico* de sermos, à vivência ontológica.

O que caracteriza o aspecto **compreensivo** do modo ontológico, fenomenológico existencial e dialógico de sermos é que ele é, especificamente, vivência *empírica*. Vivência, que -- como todo vivencial, fenomenológico existencial, e dialógico -- é vivência imediata, pré-reflexiva, pré-conceitual, pré-teórica, pré-comportamental, pré-pragmática, pré-realista, pré-realidade.

Vivência que é anterior à *representação*; uma vez que, na verdade, a *representação* é *re(a)representação*. E, intrinsecamente, a **compreensão** é, própria e especificamente, **a-present-ação**. Dá-se no modo pres-ente de sermos – o modo pré-coisa de sermos.

E o que é que se dá, o que é que, na vivência compreensiva, acontece como **apresentação** ?

Pela abertura para o Ser, que é própria ao modo ontológico de sermos, inexoravelmente abrimos o campo do possível, o campo da potência, o campo das possibilidades, o campo da ação, da atualização – que são, segundo Heidegger, o campo do desdobramento compreensivo das possibilidades, da *poiesis*. São, assim, as possibilidades em seu desdobramento que se apresentam, que se presntificam, como compreensão.

O desdobramento das possibilidades as constitui como *conhecer* – as possibilidades se *apresentam* com conhecer, como sentido.

De modo que, segundo a sua potência, é a vivência das possibilidade e do seu desdobramento -- na ação, na atualização, na interpretação compreensiva fenomenológico existencial – que se constitui como conhecer.

O conhecer dá-se, assim, como **apreensão** – *apreensão* que é a constituição do *sentido* do ato de conhecer. Conhecer **compreensivo**, uma vez que o sentido das possibilidades em seus desdobramentos se constitui como apreensão, se constitui **com(a)preensão** – se constitui como **cum-preensão... compreensão**.

A vivência de possibilidade e do seu desdobramento, a ação, é, assim, intrínseca ao, e constituinte do modo **compreensivo** de sermos;

como, de resto, é intrínseca, e constituinte de toda a experiência e experimentação do modo fenomenológico existencial, dialógico; modo ontológico, e estético, de sermos.

A vivência, o conhecer, *compreensivos*, é eminentemente conhecimento **implicativo**, é **implicação**.

Ou seja, ele se dá como *logos, dia-logos, como dialógica*. Como **vivência eu-tu**. Como vivência, portanto, que **não é da ordem do relacionamento sujeito-objeto**.

Afirmar isso é uma redundância, uma vez que tudo que a relação eu-tu *não é* é relação sujeito-objeto.

De forma que o **conhecer** que a possibilidade constitui em sua vivência, e na vivência de seu desdobramento, é conhecimento, é cognição; mas, em particular, é o conhecimento e a cognição como apreensão – conhecimento **cum(a)preensão** – o conhecimento compreensivo momentâneo próprio à vivência da dialógica da da relação eu-tu.

Na qual se dá, de modo inextrincável, a movimentação da **implicação** com a alteridade radical de um *tu* -- que se dá, na vivência dialógica, como possibilidade, e possibilidade em desdobramento, na ação, no acontecer, da inter ação.

Não é conhecimento teórico, ex-plicativo, mas conhecimento vivencial, conhecimento artístico, conhecimento dionísíaco, **implicativo, compreensivo**. O conhecer de uma consciência embriagada, dissoluta em sua *embriaguês*, e que evolui em sua potência criativa, não para a abstração, e para a clareza abstrativa do conceitual, mas para perder-se na embriaguês do confusional de sua auto superação.

Este **e-vento, esta e-ventualidade inter ativa, à-ventura** -- que é, assim, da ordem do presente e da presença, da atuação e da atualidade -- escoá-se para a coisificação, para a entificação, para a ontificação, e para a inação. Perdendo, inevitavelmente, neste seu escoamento -- decaimento, para Heidegger --, o caráter de sua dialógica, o seu caráter imediato de implicação inter ativa com a alteridade radical de um *tu*. Deixa, progressivamente, de ser da ordem da **implicação** para, progressivamente, se constituir na ordem da *ex-plicação*.

Nesta forma ex-plicativa, a experiência pode se constituir com *teorética*, como *comportamento*, no âmbito da causalidade e da dicotomia sujeito-objeto; no âmbito da subjetividade, no âmbito da objetividade, no âmbito de inter subjetividade; no âmbito da utilidade, no âmbito da prática, da pragmática, do fato – feito --, e da realidade.

Todo este modo ôntico de sermos -- eu-isso, factual, real -- não é caracterizado pela **compreensão**, não é da ordem da **compreensão**,

nem é da ordem da **implicação** -- **implicação** que intrinsecamente se constitui no âmbito da **compreensão**.

O modo ôntico de sermos é, própria e especificamente, da ordem da *ex-plicação*... O modo de sermos no qual estamos 'fora' do desdobramento inter ativo da **implicação** com a alteridade radical de um tu. O modo de sermos no qual estamos fora da implicação com o possível e com a possibilidade, em seus desdobramentos e constituição **compreensivos**.

#### **2.4. Sobre o caráter *implicativo* da experiência estética, da dialógica, da aporética, da compreensão, e da interpretação fenomenológico existencial, da hermenêutica compreensiva.**

No modo ontológico de sermos, fenomenológico existencial e dialógico, não vigora assim a dicotomia sujeito-objeto. Não vigora a objetividade, nem a subjetividade; muito menos, evidentemente, a *intersubjetividade*.

No modo ontológico de sermos, todas elas se resolvem na vivência da dialogicidade, eu-tu, da experiência da ação, da experiência do ator. Que é intencional, e intensional.

O modo ontológico de sermos não comporta nem a objetividade, nem a subjetividade. Mas é, própria e eminentemente, da ordem da relação eu-tu, da ordem da relação dialógica. É o modo de sermos da vivência fenomenológico existencial, dialógica. Que se constitui como movimentação da **implicação** necessária, dos sentidos da relação de um eu com a alteridade radical de um tu.

Assim, na vivência ontológica, fenomenológico existencial dialógica – ao invés da relação sujeito-objeto --, temos que, momentânea e pontualmente, o eu está implicado na vinculação com um tu, que se dá como possibilidade em afirmação e desdobramento.

Toda a vinculação se desdobra, assim, como **inter ação**. Como *inter ação* entre alteridades que se dão como possibilidades, como potências, como possíveis, que se desdobram, como ação, na **inter ação**, eminentemente **implicativa**.

A *inter ação*, dialógica, eu-tu, é, eminentemente, assim, da ordem da **implicação**,

A experiência estética, a dialógica, a hermenêutica compreensiva – a interpretação, compreensiva – são aspectos da experiência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica. De modo que são, todas elas, da ordem da **inter ação**, da ordem da **compreensão**, e da ordem da **implicação**.

A **implicação** que é característica, portanto, da *vivência*, significa a implicação, o movimento da vinculação necessária, pontual e momentânea, *inter ação*, entre a alteridade de um eu, e a alteridade de um tu. Que se dão como possibilidades em processo de atualização, processo este que se desdobra como **inter ação**.

De modo que a vivência do conflito na forma ôntica de sua instalação, na forma ôntica de sua realização, na forma ôntica da coisificação de suas aporias, no seu caráter de *ex-plicação*, é caracteristicamente improdutiva. Porque nesta forma de sermos da *explicação*, não vivenciamos o campo de possibilidades que é característico do modo ontológico, e compreensivo, de sermos. Não vivenciamos a implicação de momentos de vivência eu-tu possíveis e potentes. Não vivenciamos a *inter ação*, a ação, a atualização, que são característicos do modo estético de sermos, modo ontológico, **compreensivo**, fenomenológico existencial e dialógico.

## 2.5 Aporética. Aporia e Aporética do Conflito;

Um dos elementos característicos mais marcados da existência – e, por implicação, da concepção e da metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana – é a sua qualidade **aporética**.

Na verdade, esta ética, enquanto metodológica, vem já de Aristóteles, e é mediada pela leitura e resgate que dele faz na Modernidade a psicologia do ato, de Brentano.

Pode-se evitar a aflição da estagnação do momento da **aporia**, evitando-se a sua vivência, a vivência da aporia. O que significa a perda do caráter produtivo da aporia, e a cronificação da aporia, do conflito, e de sua aflição. Além da fragilização da vida.

Para além, no limite, da aporia está a *poiese*, a potência, o concurso e a concorrência do possível, das possibilidades; a ação, a atualização.

Tudo depende da **insistência, e da persistência, na vivência da aporia**, de seu inconveniente e aflição, nas suas intensidades próprias, e nas formas próprias de seu modo fenomenológico existencial dialógico.

A vivência afirmativa da aporia permite a abertura da experiência e experimentação da vivência do possível, das possibilidades, e de sua atualização.

De modo que a *apor-ética*, o método *aporético*, é a disposição para privilegiar primária e afirmativamente a vivência fenomenológico

existencial dialógica da aporia, na intensidade e na intensificação próprias de seu momento, *momentum*.

A vivência da concentração da intensidade da aporia tipicamente conduz à superação de sua estagnação, ao restabelecimento do fluxo do possível, à abertura do campo de novas possibilidades.

A *aporética* se dispõe à afirmação da ação, à afirmação da potência do possível, e de seus desdobramentos, na ação. Até que esta ação encontre a sua limitação, a sua finitude, a sua aporia. Seja pelas finitudes de suas potências. Seja pelo concurso e concorrência de novas possibilidades. A insistência e a persistência na vivência da finitude da aporia, com suas implicações próprias, permite a abertura e emergência de novos campos de possibilidades, dando origem a novos possíveis, e a novas aporias, a serem experienciadas e experimentadas.

A instalação do conflito é a instalação, e a estagnação, de sua aporia: a instalação ôntica, factual, da aporia. Ou seja, a instalação da aporia no modo em que ela não pode efetivamente ser vivenciada, e resolvida, superada.

De modo que, quanto mais as partes conflitantes se recusem à experiência da vivência ontológica, fenomenológico existencial dialógica, da aporia de seu conflito, e dos fluxos de sua superação, mais o conflito, em sua coisificação, tende a se acentuar enquanto tal, a se cronificar, e a se instalar.

A *apor-ética* e o método aporético da concepção e da metodológica das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais – Gestal'terapia, Abordagem Rogeriana -- se propõem, então, a reunir as partes conflitantes em um experiência vivencial – grupal, ou inter individual -- que permite a vivência afirmativa compartilhada da aporia conflitual, em suas intensidades fenomenológico existenciais e dialógicas próprias. Possibilitando, assim a restauração do fluxo da vivência em direção aos limites da aporia, aos limites de sua superação, na produção criativa, pelo sistema e pelo processo grupal, das possibilidades alternativas de sua superação, pelo conjunto do grupo como um todo, conjunto que engloba as partes conflitantes, na encarnação estética de sua elaboração fenomenológico existencial dialógica.

## **2.6 Hermenêutica do conflito.**

Para além de suas aporias, o conflito é preche de possibilidades.

Antes da abertura dos campos de possibilidades e de interpretação de suas possibilidades, as próprias aporias são potências, são possibilidades, a serem fenomenológico existencialmente

interpretadas. E só nesta forma fenomenológico existencial de sua interpretação elas podem ser afirmadas, e esvaídas, superadas. O que envolve o deslocamento da mera experiência de sua instalação ôntica, para a sua vivência estética, fenomenológico existencial dialógica. Vivenciadas as aporias, novas possibilidades podem emergir, e se oferecer ao processamento da interpretação, da hermenêutica fenomenológico existencial.

Estas possibilidades são, assim, detonadas nos limites de suas aporias. São possibilidades a serem *fenomenológico existencialmente, esteticamente, interpretadas*, na medida de sua urgência e emergência, na medida de sua potência, *presença e atualidade*.

Dada a adequada ambiência, essas possibilidades podem ser *interpretadas* pelos próprios *agentes do conflito*. Na medida em que estes efetivamente puderem se constituir como tais – ou seja, como agentes. Ou seja, na medida em que puderem dispor do espaço e do tempo da experiência hermenêutica experimental em que se constitui a vivência.

É esta *interpretação*, fenomenológico existencial dialógica, das aporias do conflito, e das dinâmicas e fluxos de suas possibilidades, por parte de seus próprios agentes, que pode se constituir como um fluxo de atualização criativa do conflito, e que pode romper ou diluir, em suas possibilidades, as barreiras da instalação de suas aporias, da instalação de sua realidade; e conduzir o conflito para além de seu *status-quo*, na sua superação pela vivência da emergência e atualização.

*A Hermenêutica é a arte da interpretação*<sup>2</sup>.

No caso, *interpretação compreensiva*, fenomenológico existencial, dialógica. Que é como se constitui o tempo característico da vivência. A experiência da vivência fenomenológico existencial dialógica é a experiência da vivência de possibilidades e do desdobramento destas.

Esta vivência de possibilidades e do seu desdobramento – processamento que é própria e eminentemente estético, *compreensivo, pré-reflexivo, fenomenológico existencial dialógico* – é o que entendemos como *interpretação*, e como *hermenêutica, compreensivas*.

Assim, quando propomos a experiência do grupo vivencial para as partes conflitantes, estamos oferecendo a oportunidade de uma experiência de saída da *realidade* e da *instalação*, da *factualidade* e da *fatalidade*, da *aporia*, do conflito, para uma experiência de diluição na hermenêutica de suas possibilidades ativadas, e em desdobramento.

---

<sup>2</sup> Palmer,

De modo que, em termos essenciais, a experiência grupal fenomenológico existencial e dialógica é, própria e eminentemente, a experiência da vivência, individual e coletiva, do desdobramento de possibilidades -- no que entendemos como *ação*, como *interpretação fenomenológico existencial*.

O que define e caracteriza o espaço e o tempo, o processo, do grupo vivencial fenomenológico existencial dialógico como espaço, tempo e processo eminente e especificamente *hermenêuticos*. O espaço e o tempo, própria e especificamente, de uma *hermenêutica fenomenológico existencial dialógica*. *Compreensiva*. Não explicativa. *Implicativa*.

Aplicado assim à mediação e à facilitação da resolução de conflitos, o grupo vivencial fenomenológico existencial dialógico permite que as partes em conflito *interpretem* fenomenológico existencial e dialogicamente o conflito. O que efetivamente os constitui como **agentes do conflito**.

Que podem, numa vivência compreensiva eminentemente hermenêutica, interpretar as suas aporias; ao tempo em que podem *interpretar, compreensivamente*, as suas possibilidades emergentes.

## **2.7. O Grupo Vivencial como recurso experimental ontológico, estético, fenomenológico existencial dialógico, e hermenêutico, para a facilitação da resolução de conflitos.**

A insistência e a persistência na vivência, no modo vivencial de sermos -- que é intrínseca vivência compreensivativa de possibilidades, e do desdobramento dessas possibilidades-- é a vivência *estésica*. É *estética*, fenomenológico existencial dialógica. É sensibilidade -- de corpo, de vivido e de sentidos -- e afetividade imediatas.

O termo *estésico* deriva do nome de um vento que sopra em determinada fase do ano, na Grécia. E que impulsiona as velas dos navios, que deixam assim os portos.

Os Gregos identificaram a força propulsiva do *estésico* à força propulsiva inerente e intrínseca ao modo fenomenológico existencial de sermos, modo, ontológico, modo vivencial de sermos, dialógico. **Que é todo ele impulsão:** a impulsão que é a da **ação** --, pela força propulsiva da vivência do possível, da vivência da possibilidade, da potência; que se desdobra, e se desdobra como **ação, atualização**.

De forma que este modo fenomenológico existencial e dialógico de sermos -- que é *estésico*, que constitui **a vivência estética**, que é **estético** -- é todo ele **ação, atualização**, na temporalização e espaciação de sua duração.

*Estésico, e estético é, pois, o modo sensível e afetivo de sermos, o modo fenomenológico existencial dialógico, modo vivencial de sermos: e, integralmente, é intrinsecamente o modo de sermos da ação, da atualização.*

Em sua potência propulsiva, de vivência momentânea e de desdobramento de possibilidades, este modo ontológico de sermos potencializa-se como devir, como vir a ser, como ação, atualização -- individual e coletivamente. E como superação da aporia, a *porização*, o acesso, mais uma vez, à potência, à possibilidade, *vontade* de possibilidade.

O Grupo Vivencial, assim como a sessão inter individual, vivencial, fenomenológico existenciais dialógicos, primam, conceitual, e metodologicamente, pela constituição, e priorização, da experiência e experimentalidade da vivência *estética* – fenomenológico existencial dialógica como vivência grupal. Pela aporética estética, pela vivência estética de suas aporias, e do vir a ser das potências de suas superações.

Conceitual, e metodologicamente, o Grupo Vivencial, e a sessão diádica – uma modalidade de grupo vivencial --, abrem mão de posturas *científicas*, de posturas *teoréticas*, de posturas *explicativas*, de posturas *moralistas*, de posturas *técnicas*, de posturas *pragmáticas*, de posturas *comportamentais*, de posturas *realistas*... Em privilégio de uma estética. Em privilégio da experiência e experimentação vivenciais, fenomenológico existenciais, dialógicas como experiência grupal.

Simplemente porque os modos de sermos daquelas posturas não são da ordem do modo de sermos próprio e específico da **compreensão** e da **ação** (Modo de sermos *cum(a)preensão*: modo de sermos *com apreensão* da possibilidade e do seu desdobramento). Modo de sermos da vivência da experiência da possibilidade, da potência, do possível, da vontade de possibilidade, e do seu desdobramento, na experimentação e experiência da ação, atualização. Modo de sermos da superação, da criação, da alegria.

Conceitual e metodologicamente, assim, o Grupo Vivencial, alternativamente, privilegia, abre-se, e cria condições, para a vivência estética fenomenológico existencial, dialógica -- o modo próprio de sermos no qual vivenciamos possibilidade, potência, devir, e o seu natural desdobramento em ação.

De modo que são um espaço e tempo privilegiados para a vivência do *destravamento* do conflito, enclausurado em sua comportamentalidade e em sua teorética explicativa; para o destravamento de sua aporia, de sua instalação real.

Pela imersão em conjunto das partes conflitantes numa experiência coletiva grupal. Que, pelo seu caráter fenomenológico existencial estético, aporético, se constitui, própria e especificamente,

como uma vivência compartilhada de secretação compartilhada de possibilidades compartilhadas; e de secretação da ação, da atualização, que se constitui como devir da propulsão do possível, e da atualização, da ação; para além da instalação das aporias do conflito; para além de sua estagnação, e estanquização, dissolvendo a instalação realizada destas aporias nas possibilidades que podem emergir da vivência compartilhada da estética do conflito.

Assim, a vivência grupal fenomenológico existencial dialógica, gestáltica, rogeriana, é uma ambiência original e privilegiada para a mediação e para a facilitação da resolução de conflitos.

Os grupos assim constituídos podem variar. Desde pequenos grupos diádicos – um facilitador, e um cliente –, passando por grupos com três ou mais participantes, com um facilitador; e grupos maiores, chegando mesmo aos grandes grupos. Para cada um deles se providenciam as condições adequadas para a instauração pontual e momentânea da temporalidade e da espacialização de sua vivência estética, fenomenológico existencial, dialógica.

Desta forma, a concepção e a metodológica da psicologia e da psicoterapia fenomenológico existencial dialógica – Gestal' terapia, Abordagem Rogeriana – privilegiam o modo de sermos que potencializa naturalmente o modo ontológico de sermos de superação da aporia do conflito, e de sua instalação realizada. Privilegiam a elaboração, a prevalência, e o desdobramento, da vivência fenomenológico existencial, dialógica –, seja pessoalmente, inter individualmente, grupal, ou inter grupalmente.

Recusando-se, assim, ao privilegiamento -- na abordagem da pessoa, ou na abordagem do grupo, ou das relações inter grupais -- de uma abordagem teórica, ou científica, explicativa e moralista; recusando-se a uma abordagem técnica, recusando-se a uma abordagem comportamental, ou a uma abordagem pragmática; recusando-se a uma abordagem realista; a concepção e método da psicologia e psicoterapia fenomenológico existencial – Gestal' terapia, Abordagem Rogeriana – privilegiam, na vivência pessoal, na vivência inter pessoal, na vivência grupal, o modo ontológico, o modo dialógico, o modo fenomenológico existencial de sermos.

O modo ontológico, modo dialógico, de sermos, é, própria e especificamente, como vimos, o modo estético de sermos. O modo de sermos da experiência estética. Que é o modo de sermos da experiência fenomenológico existencial, poética: a experiência de vivência imediata de corpo e de sentidos, modo de sermos da sensibilidade e da afetividade, que é da ordem da experiência pré-reflexiva, e pré-conceitual, de vivência de possibilidades, e de vivência do desdobramento de possibilidades. No que entendemos como ação, atualização: poiese, poética, estética.

De modo que, quando propomos a abordagem fenomenológico existencial dialógica da Gestal'terapia e da Abordagem Rogeriana, para a mediação, e para a facilitação da resolução de conflitos, propomos -- à pessoa, ao grupo, aos inter grupos, -- um relativização da experiência da instalação ôntica -- não estética, não poética, e não dialógica -- do conflito -- ,uma relativização da experiência explicativa, do conflito, da experiência teórica, moralista ou comportamental do conflito. Propomos uma relativização da factualidade, e da fatalidade, do fatalismo, do conflito. E a imersão das partes conflitantes na experiência e experimentação dialógicas.

Trata-se de uma permissão, enquanto oportunidade de vivência, à momentaneidade da experiência e da experimentação de uma estética do conflito.

Ou seja: propomos a permissão, como processo pessoal e grupal, à temporalidade da elaboração, pessoal, grupal, de uma situação e do processamento de uma vivência coletiva e individual, que privilegia, e se pauta, pela vivência do modo ontológico de sermos. Modo de sermos fenomenológico existencial, dialógico, poético. Que, em sua vivência, é, eminente e ontologicamente, modo de sermos de vivência de possibilidade, e de vivência do desdobramento de possibilidades.

Propomos o processo hermenêutico de inter-pret-ação fenomenológico existencial, dialógica, de inter-ação interpretativa, pessoal e/ou grupal: ação, atualização. Que -- à força da potência de sua *ventura estética*, do seu devir, da *vida à ventura*, do possível, -- é sempre **superação**.

Superação que pode, efetivamente, ser gestada, e efetivamente criada e vivenciada, pela(s) pessoas e pelo(s) grupo(s), pelas partes conflitantes. E que é superação -- movimentação pela potência da possibilitação, da atualização -- das aporias do conflito. Superação compartilhada do próprio conflito, em suas possibilidades, possibilitações, e devires. Deslocamento e diluição, em suas possibilidades e possibilitações, da realidade da instalação do conflito nas suas formas ônticas e factuais.

## **2.8. O Grupo e o tempo;**

No essencial, a vivência grupal é a momentaneidade de um tempo. Da temporalidade ontológica, compartilhada, em sua interatividade implicativa, como experiência grupal.

À medida que, como experiência e experimentação grupais, sobre o funcionamento ôntico explicativo -- teórico, ou comportamental, pragmático -- diferencia-se e prevalece o modo compreensivo implicativo de vivência, fenomenológico existencial,

dialógica, estética, e hermenêutica, instala-se como vivência a duração da temporalidade ontológica.

Que se configura como temporalidade das possibilidades, em seus intrínsecos desdobramentos: em suas intrínsecas atualizações. O tempo faz-se ao largo de sua condição cronométrica, e passa a ter a própria ação, a própria atualização, a própria temporalidade da vivência do desdobramento das possibilidades, como indício, como referência, e como critério.

O tempo ontológico é um tempo das intensidades, um tempo pautado pelas intensidades. Diferente do tempo cronométrico, que é monótono e se pauta pelos limites e intervalos calculativamente definidos. O tempo ontológico fenomenológico existencial, dialógico, hermenêutico -- temporalidade estética -- violenta, diminui, sobrepassa, e dilui, os intervalos e os limites calculativos do tempo cronométrico.

A temporalidade ontológica é pulsativa, animado pela atualização das possibilidades. É o presente, a atualidade e a presença. E se esgota em sua atualização criativa, cedendo, mais um vez, lugar ao eterno retorno do tempo cronométrico.

Assim, o tempo ontológico inexoravelmente destina-se no tempo cronométrico. Sua duração, não obstante, é antinômica e incompatível com os padrões calculativos e ônticos deste.

De modo que, constituir e elaborar a experiência e a experimentação do Grupo Vivencial é constituir e elaborar, atualizar, a vivência da momentaneidade de sua temporalidade própria. Que tem, dentro de limites razoáveis, critérios próprios de explicitação e de conclusão.

Ou seja, é preciso ter tempo, ôntico, disponível. A temporalidade ontológica, fenomenológico existencial e dialógica, estética, e hermenêutica, ainda que possa se enquadrar em limites razoáveis, e careça desses limites, tem um tempo próprio de explicitação e de conclusão. Não pode, assim, ser simplesmente constrangida, inviabilizada, ou impregnada pelas demandas do tempo ôntico.

O grupo vivencial requer, assim, tempo disponível para a constituição e experimentação de sua temporalidade própria.

### **3.**

#### **O conflito, suas formas improdutivas, e as formas improdutivas da mediação;**

Como tudo que é vivência humana, o conflito tem o seu momento agudo, em que as possibilidades concorrem e competem como perspectivas originais, em atualização, na interação entre as partes conflitantes. Neste momento, o conflito é vivido ontologicamente, e pode afirmar-se enquanto tal, e vivencialmente escoar para sua natural superação e resolução.

Numa outra alternativa o conflito pode não se resolver em sua agudeza, e escoar para uma forma ôntica de sua experiência, na qual as instâncias e aporias do conflito se instalam factualmente, realizam-se, e cronificam-se.

Nesta forma, o conflito é experienciado em sua inércia, na paralisia inerte de suas instâncias e aporias, na paralisia de suas angústias, e afligências.

Fora da poiese, e da ação, da atualização, fora da vivência do concurso e da concorrência de novas possibilidades, a experiência do conflito sai da perspectiva compreensiva, e de sua intrínseca implicatividade, podendo se instalar em suas modalidades **explicativas**, moralistas, teóricas, científicas, técnicas, comportamentais, pragmáticas ou realistas.

Estas perspectivas explicativas apartam-se das perspectivas éticas fenomenológico existenciais empíricas e experimentais – poi-éticas, est-éticas –, na proporção direta em que se instalam. Buscam abranger o conflito reflexiva e conceitualmente, na ótica da busca, ou da pressuposição, de verdades não compreensivas e não implicativas. Alheadas da vivência da efetiva condição dos agentes do conflito – os quais, apenas, podem engendrar, pela sua ação, pelo engendramento e atualização das possibilidades do conflito, as verdades a ele pertinentes.

Assim, o predomínio -- que exclui as possibilidades da vivência ontológica, estética, compreensiva, e dialógica –, o predomínio da experiência moralista -- que se esmera na pressuposição do verdadeiro, ao invés do empenho hermenêutico em sua criação --, nas suas formas teóricas, explicativa e científica, constitui uma experiência improdutiva do conflito, que, cada vez mais, se atola na experiência ôntica de sua instalação.

Da mesma forma ocorre com a limitação do conflito a sua dimensão comportamental. Dimensão esta desprovida das possibilidades da poiética de sua ação, no âmbito de sua vivência ontológica.

O modo comportamental em nossas vidas comporta a atividade padronizada e repetitiva, alheando-se do modo ontológico, fenomenológico existencial, dialógico. Modo no qual podemos vivenciar e atualizar possibilidades, no qual efetivamente agimos. Tratar o conflito ao nível meramente de sua comportamentalidade é garantir

a sua repetição, e reforçar os elementos de sua facticidade, de sua instalação ôntica. O que, no limite, neste modo, pode ser resolvido, apenas, pela violência. Mais ou menos explícita.

Um engano, ainda, é uma abordagem pragmática do conflito. Enganadoramente, uma pragmática do conflito só pode ser estéril, e levar a um reforçamento de sua instalação, da instalação de sua inércia e paralisia. Uma vez que o que desloca o conflito de sua instalação -- pela diluição de sua realidade em suas possibilidades -- é a sua vivência ontológica, fenomenológico existencial, dialógica e estética.

Vivência que disponibiliza a experiência e a experimentação do campo ontológico, dialógico, e estético das possibilidades.

A vivência ontológica é implicativa, eu-tu, como observamos: está fora da dicotomização sujeito-objeto. Está também fora da ordem da causalidade. E, especialmente, até por isso, fora da dimensão dos úteis e da utilidade.

A vivência ontológica, em suas efetividades de produção e atualização de possibilidades, é da ordem do modo de sermos da **inutilidade produtiva e desproposita**...

Só assim se dá a vivência do campo das possibilidades, e o seu desdobramento, em ação; só assim se dá a dialógica, a estética, a interpretação compreensiva, a hermenêutica fenomenológico existencial, a criação, a superação...

A pragmática se pauta pela *prática*, pelo valor da prática, e da *ação funcional, adaptativa*. A prática se pauta pela *utilidade*, e pelo *princípio de sobrevivência*.

E tudo que não encontramos na vivência ontológica, fenomenológico existencial, e estética, é a *utilidade*. Ainda que a vivência ontológica, estética, fenomenológico existencial e dialógica seja eminentemente produtiva, e criativa. Isso é o que significa dizer que ela é inerente e intrinsecamente *poiética* -- pela ação em que se configura a atualização, o desdobramento, de possibilidades. Poiese e criatividade estas que, produzem, inclusive, todos os úteis, e todas as utilidades. Que não se geram e regeneram na esfera da experiência ôntica de sua existência. Mas se geram e se regeneram, própria e especificamente na vivência do modo ontológico de sermos.

De modo que a insistência no pressuposto pragmático da utilidade, e da funcionalidade, na metodologia para a resolução do conflito é insistir no encerramento dele nas formas ônticas de sua instalação, pela interdição da possibilidade de sua vivência produtiva e criativa.

Quanto à *funcionalidade*, é evidente que o que almejamos não é a funcionalidade do conflito, mas, mais propriamente, o que almejamos é a sua disfunção, superação e resolução. Pela força de seus possíveis.

Esta disfunção do conflito decorre da diluição da instalação de sua realidade, da realidade de sua instalação ôntica, na elaboração e atualização de suas possibilidades, das possibilidades que se geram e regeneram na vivência de seu modo dialógico, estético, fenomenológico existencial e dialógico.

Um outro aspecto extremamente importante quando consideramos a vivência ontológica fenomenológico existencial, é que estamos tratando sempre, na momentaneidade do modo de sermos desta vivência, de vivência de possibilidade, e vivência do desdobramento de possibilidades. O possível é antinômico com a vivência do real, que a ele se contrapõe. Na verdade, o possível atualizado se constitui em realidade, realiza-se. De modo que o acesso ao campo das possibilidades, como vivência ontológica, exige que nos descolemos da vivência do real, para desfrutarmos, especificamente, da vivência da possibilidade e de sua atualização, que constitui a ação.

Ontologicamente, não somos seres do real, mas seres da possibilidade. A realidade é progressivamente inóspita para o humano, como observou Heidegger, até que ele possa experimentar e inspirar na fonte do possível.

De modo, que, ao contrário do que possa parecer, uma postura realista não condiz com a postura da vivência grupal, da mesma forma que não convém com a postura da mediação e facilitação fenomenológico existencial dialógica da resolução de conflitos.

Poder-se-ia dizer então: e é uma postura irrealista, então, que é pertinente? Não exatamente isto. À medida em que se começa a insistir, e começa a persistir, enquanto experiência grupal, a vivência fenomenológico existencial, esta começa progressivamente a caracterizar-se como a vivência ativa, produtiva; como a vivência da ação, como vivência de possibilidades e da atualização de possibilidades. Que desloca-se do que podemos entender como experiência da realidade, para caracterizar-se, cada vez mais, como vivência poiética, vivência estética, fenomenológico existencial dialógica, que se constitui muito mais como vivência de possibilidade, e de sua atualização; do que como vivência da realidade.

O conflito é sempre um momento particular da vida pessoal, da vida inter pessoal, grupal e inter grupal. Sua evidência, sua explicitação,

sua superação, e resolução são evidências de saúde psicológica e social. Mas o conflito é um momento, um *momentum*, dos fluxos da existência pessoal, um momento dos fluxos das relações interpessoais, grupais, e inter grupais.

Sua progressiva realização, e instalação, trazem consigo o sofrimento, e a redução desta vitalidade. Esta instalação se dá na medida em que a experiência das partes conflitantes, em sua individualidade e em seu conjunto, se detém e se demora na experiência de seu modo ôntico, de seu modo factualizado, fatal, acontecido; eximindo-se, ou se privando, das formas, formações, performances, figurações, atualizações, criatividade, do modo de sua vivência ontológica, de sua vivência estética, fenomenológico existencial, dialógica.

A concepção e a metodologia de mediação, e da facilitação da resolução de conflitos das psicologias e psicoterapias fenomenológico existenciais empenham-se no sentido da criação de condições pessoais, interpessoais, grupais, inter grupais, para a respectiva vivência atual da experiência do conflito em sua forma ontológica, em sua forma fenomenológico existencial, dialógica.

Esta vivência permite a vivência do conflito ao modo de sua experiência estética, vivencial – corpo, vivido, sentidos --, criativa. O que permite a vivência pelos participantes, e conjuntos destes, das elaborações e desdobramentos fenomenológico existenciais dialógicos das possibilidades da tensão e da situação conflituosa. E, com isso, a dissolução em suas possibilidades da fatalidade e da instalação do conflito. E a sua superação.

### **BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA**

BUBER, Martin EU E TU.

HEIDEGGER, Martin SER E TEMPO.

PALMER, R. HERMENÊUTICA.